

A leitura de obras originais em italiano na escola

DANIELA NORCI SCHROEDER¹³

O que levar para a sala de aula?

Ao acompanhar a fala das professoras que me antecederam, pensei que o que eu havia preparado estava comprometido, já que seria praticamente uma repetição dos discursos anteriores com outros exemplos. Em seguida, porém, decidi me permitir outra interpretação: as línguas estrangeiras estão caminhando juntas e têm um papel comum. Isso é muito positivo, uma vez que estamos falando de usar a literatura das línguas estrangeiras na formação dos nossos alunos. Podemos buscar nos textos originais em língua estrangeira elementos que contribuam para as discussões que fazemos sobre nós mesmos, sobre a nossa cultura, sobre a nossa língua.

O contexto de ensino da Língua Italiana no Rio Grande do Sul difere daquele apresentado pelas outras línguas estrangeiras, já que o italiano não é oferecido na grade curricular regular das escolas. Eventualmente, e muito raramente, há oferta de oficinas nas escolas estaduais ou municipais. A presença mais forte, entretanto, ocorre nos cursos livres, nos quais a língua é trabalhada em conjunto com os aspectos culturais da bela Itália.

¹³ Daniela Norci Schroeder é Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil, e Mestre em Linguística Aplicada pela UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil. Atualmente, é professora na UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

A seleção de textos que apresento traz cinco autores, com os quais procuro ilustrar diferentes possibilidades de trabalho com textos originais da literatura italiana. São eles: Gianni Rodari, Silver, Beppe Severgnini, Niccolò Ammaniti e Umberto Eco. Esta seleção é absolutamente isenta de qualquer juízo de valor a respeito de serem obras mais ou menos representativas da vasta produção literária italiana. Os exemplos são fruto, na verdade, de experiências bem-sucedidas em sala de aula.

Gianni Rodari, poeta italiano, escreve principalmente ao público infantil e juvenil, mas é igualmente apreciado pelo público adulto. A poesia transcrita a seguir está na obra *Filastrocche in cielo e in terra* (RODARI, 2011), coletânea de poesias do próprio autor:

Dopo la pioggia

Gianni Rodari

Dopo la pioggia viene il sereno,

brilla in cielo l'arcobaleno:

è come un ponte imbandierato

e il sole vi passa, festeggiato.

È bello guardare a naso in su

le sue bandiere rosse e blu.

Però lo si vede - questo è il male –

soltanto dopo il temporale.

Non sarebbe più conveniente

il temporale non farlo per niente?

Un arcobaleno senza tempesta,

questa sì che sarebbe una festa.

Sarebbe una festa per tutta la terra

fare la pace prima della guerra. (RODARI, 2011, p.77)

Levei esse texto a um grupo de alunos adultos da disciplina de Italiano Instrumental, em fase inicial de contato com a língua italiana. Havíamos trabalhado com alguns verbos no presente, artigos, um pouco de vocabulário. Propositamente introduzi as cores e citei o arco-íris, *arcobaleno* em italiano. Após a primeira leitura do poema propus algumas perguntas, como: quando o arco-íris aparece? O texto agrega a guerra metaforicamente através de quais palavras? O que é proposto ao final do poema? Como o léxico utilizado é simples e, muitas vezes, transparente para falantes de português, foi possível, em grupo, e com a ajuda das perguntas, compreender a poesia e a partir dela refletir sobre o tema “paz e guerra”. Por que a alegria e a paz não podem vir juntas sem que haja uma guerra? Não podemos fazer o contrário, como diz Rodari no poema, um arco-íris antes do temporal? A apresentação do livro de Rodari indica-o como leitura recomendável a partir de 6 anos, mas podemos facilmente ser convencidos de que é uma literatura sem fronteiras de idade ou de país: “seria uma festa para toda a terra, fazer a paz antes da guerra”.

O segundo autor que trago é Silver, responsável por dar vida aos personagens da história em quadrinhos do *Lupo Alberto*. Silver conta a história do lobo Alberto, apaixonado pela galinha Marta, que junto a outros personagens animais vive muitas aventuras na Fazenda Mckenzie.

Em uma das histórias, Silver traz os personagens ao Brasil (assim mesmo, com z). O resumo dessa história é o seguinte: Alberto e Marta se casam e a mãe de Marta lhes dá de presente uma viagem de lua de mel ao Brasil. A chegada é de paraquedas no meio de uma floresta, cheia de cobras e animais exóticos e também de palmeiras e praias exuberantes. O jovem casal é saqueado por meninos de rua na primeira noite na floresta e descobre que esses meninos abandonados são obrigados a trabalhar clandestinamente em minas de cobre. Após muitas aventuras, o casal volta para casa e leva junto alguns meninos, com a alegação de que só assim seriam felizes (SILVER, 1998, p.157-164). O enredo é um retrato de como nós, brasileiros, somos vistos pelos outros, o que nos permite refletir sobre como realmente somos e como somos interpretados pelo mundo lá fora.

A história em quadrinhos tem um recurso a mais, que é o desenho. As ilustrações auxiliam na compreensão do texto e, muitas vezes, o próprio desenho representa a mensagem. A proposta que levei para a sala de aula

foi montar a história a partir das tirinhas. A turma foi dividida em grupos e cada grupo recebeu toda a história com os quadrinhos embaralhados. A tarefa era ordená-los de forma lógica e, então, contar a história. A atividade foi um sucesso, seja pelo caráter lúdico de ordenar os quadrinhos, como também pelo assunto, no qual logo todos se reconheceram, questionando a visão do outro sobre o Brasil.

A próxima sugestão é Niccolò Ammaniti, autor do livro *Io non ho paura* (2001), adaptado para o cinema em 2006 e lançado na versão brasileira com o título *Eu não tenho medo*. Propus uma sequência didática que envolveu leitura de trechos do livro, projeção do filme e discussão da crítica especializada baseada em uma entrevista com o diretor do filme. Todo o material utilizado em sala de aula foi original em italiano. O primeiro momento abarcou a leitura de trechos do livro com a descrição dos personagens principais, como este em que Ammaniti descreve a mãe de Michele, o protagonista da história:

Mamma non sedeva mai a tavola con noi.

Ci serviva e mangiava in piedi. Con il piatto poggiato sopra il frigorifero. Parlava poco, e stava in piedi. Lei stava sempre in piedi. A cucinare. A lavare. A stirare. Se non stava in piedi, allora dormiva. La televisone la stufava. Quando era stanca si buttava sul letto e moriva.

Al tempo di questa storia mamma aveva trentatre anni. Era ancora bella. Aveva lunghi capelli neri che le arrivavano a metà schiena e li teneva sciolti. Aveva due occhi scuri e grandi come mandorle, una bocca larga, denti forti e bianchi e un mento a punta. Sembrava araba. Era alta, formosa, aveva il petto grande, la vita stretta e un sedere che faceva venir voglia di toccarglielo e i fianchi larghi.

Quando andavamo al mercato di Lucignano vedevo come gli uomini le appiccicavano gli occhi addosso. Vedevo il fruttivendolo che dava una gomitata a quello del banco accanto e le guardavano il sedere e poi alzavano la testa al cielo. Io la tenevo per mano, mi attaccavo alla gonna.

È mia, lasciatela in pace, avrei voluto urlare.

-Teresa, tu fai venire i cattivi pensieri - le diceva Severino, quello che portava l'auto-cisterna.

A mamma queste cose non interessavano. Non le vedeva. Quelle occhiate voraci le scivolavano addosso. Quelle sbirciate nella V del vestito non le facevano né caldo né freddo. (AMMANITI, 2001, p.59)

Na sequência, assistimos ao filme, com o desafio de que seria com áudio e legendas em italiano. Como havia muitos personagens infantis, as falas eram simples, o ritmo era calmo e, ao final, era visível a satisfação dos alunos por terem conseguido compreender o filme sem as legendas em português. Depois disso, trabalhamos com uma entrevista do Gabriele Salvatores, diretor do filme. O saldo final dessa proposta foi que os alunos leram trechos da obra original, assistiram ao filme na versão original e debateram a partir de entrevistas reais, sem adaptação. Era um grupo que estava tendo o primeiro contato com a língua italiana em contexto de sala de aula naquele semestre, e alguns alunos expressaram o firme propósito de ler todo o livro em italiano. O trabalho valeu a pena, e como valeu!

Beppe Severgnini, jornalista e escritor, é autor de vários livros nos quais traça, com seu inconfundível estilo irônico e divertido, o perfil dos italianos. Como sugestão, indico a obra *La testa degli italiani* (2005), traduzida ao português com o título *A cabeça do italiano: uma visita guiada* (2008). O livro é organizado em 10 capítulos, que correspondem a 10 dias de uma viagem por diversas cidades da Itália, descobrindo o dia a dia do italiano em diferentes situações e ambientes: como os italianos se comportam no restaurante, no trem, no escritório, no aeroporto, no trânsito, na praia, na igreja. *La testa degli italiani* serve para refletir sobre o que é ser italiano, como o italiano define a si mesmo, como um brasileiro representa um italiano e que diferenças e semelhanças podem ser traçadas entre esses perfis. E, a partir daí, podemos pensar em nós mesmos: quem somos, como agimos, o que temos de diferente e de semelhante com outras culturas. O texto de Severgnini é uma leitura fácil e divertida, como podemos experimentar pelo parágrafo de abertura do livro, transcrito abaixo:

Essere italiani è un lavoro a tempo pieno. Noi non dimentichiamo mai chi siamo, e ci divertiamo a confondere chi ci guarda. Diffidate dei sorrisi pronti, degli occhi svegli, dell'eleganza di molti e della disinvoltura di tutti. Questo posto è sexy: promette subito

attenzione e sollievo. Non credeteci. O meglio: credeteci, se volete. Ma poi non lamentatevi. (SEVERGNINI, 2005, p.13)

As últimas frases do livro também são exemplares sobre a modéstia típica dos italianos:

(...) sappiamo, in fondo, che le nostre virtù sono inimitabili, mentre i nostri difetti sarebbero correggibili. Basta volerli correggere. Basta convincersi che la testa degli italiani è un gioiello, non un alibi. (SEVERGNINI, 2005, p.241)

Por fim, sugiro a leitura de Umberto Eco. Estamos falando de textos que podem e devem ser levados à sala de aula. Começar com *O nome da rosa* poderia ser arriscado, dada a complexidade da obra, mas Eco é também autor de crônicas (belas crônicas), que foram reunidas em coletâneas como *Il secondo diario mínimo* (1992). São textos curtos, publicados originalmente em jornais e revistas italianas de grande circulação. O texto *Come non dire 'esatto'*, é uma crítica aberta ao empobrecimento da língua. Uma divertida aula de linguística, contemplando o uso do léxico em diferentes contextos. Na introdução do texto, Eco critica o uso desmedido e despropositado que os italianos fazem de algumas palavras e traz o exemplo do uso da palavra “*esatto*”, que em português corresponde a “*exato*”. Há uma série de perguntas às quais hoje as pessoas respondem “*esatto!*”, mas que poderiam (deveriam!) ser respondidas de outra maneira. É um texto divertido, rico em informações culturais e linguísticas, e é um texto de Umberto Eco, consagrado autor italiano.

Infuria la battaglia contro gli stereotipi che invadono l'italiano di uso comune. Uno di questi, come è noto, è “esatto”. Lo sappiamo, tutti ormai rispondono “esatto” quando vogliono comunicare il loro assenso. L'uso è stato incoraggiato dai primi telequiz, dove per segnalare la risposta giusta si traduceva direttamente dall'americano “that's right” o “that's correct”. Quindi non vi è nulla di fundamentalmente inesatto nel dire “esatto”, salvo che chi lo pronuncia dimostra di aver appreso l'italiano solo dalla televisione. Dire “esatto” è come ostentare in soggiorno un'enciclopedia che notoriamente viene data in premio solo agli acquirenti di un detersivo. Per venire incontro a chi vo-

lesse liberarsi da "esatto" faccio seguire una lista di domande o asserzioni a cui oggi si risponde di solito "esatto", e metto tra parentesi il cenno di assenso alternativo che si potrebbe invece usare. Napoleone è morto il 5 maggio 1821. (Bravo!) Scusi, è questa piazza Garibaldi? (Sì.) Pronto, parlo con Mario Rossi? (Chi parla, prego?) Pronto sono Mario Bianchi, parlo con Mario Rossi? (Sono io, dica.) Allora le devo ancora diecimila lire? (Sì, diecimila.) Come ha detto dottore, AIDS? (Eh sì, mi spiace.) Lei telefona a Chi l'ha visto per segnalare che ha incontrato la persona scomparsa? (Come ha fatto a indovinare?) Polizia: è lei il signor Rossi? (Carla, la valigetta!) Ma allora non porti le mutandine! (Te ne sei accorto, finalmente!) Lei vuole dieci miliardi per il riscatto? (E come mi pago il telefono sull'auto, se no?) Se capisco bene, hai firmato un assegno a vuoto per dieci miliardi e hai dato il mio nome in garanzia? (Ammiro la tua perspicacia.) Hanno già chiuso l'imbarco? (Vede quel puntino nel cielo?) Lei sta dicendo che sono un mascalzone! (Ha colto nel segno!).

Insomma, mi direte, lei ci sta consigliando di non dire mai esatto.

Esatto. (ECO, 1992, p.134)

Encerro minha participação com dois apelos. O primeiro, aos professores de língua estrangeira atuantes ou em formação: não subestime seus alunos, levem obras originais para a sala de aula, desafiem seus alunos com textos interessantes. O segundo apelo é aos alunos e aos bons professores, que levarão consigo a vontade de aprender pela vida inteira: leiam, incentivem e cultivem o hábito da leitura. Só faz bem!

Bibliografia

AMMANITI, Niccolò. *Io non ho paura*. Torino: Einaudi, 2001.

ECO, Umberto. *Il secondo diario minimo*. Milano: Bompiani, 1992.

RODARI, Gianni. *Filastrocche in cielo e in terra*. Torino: Einaudi, 2011.

SEVERGNINI, Beppe. *A cabeça dos italianos: uma visita guiada*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SEVERGNINI, Beppe. *La testa degli italiani*. Milano: Rizzoli, 2005.

SILVER. *La vita è dura... ma io resisto!* Milano: Rizzoli, 1998.